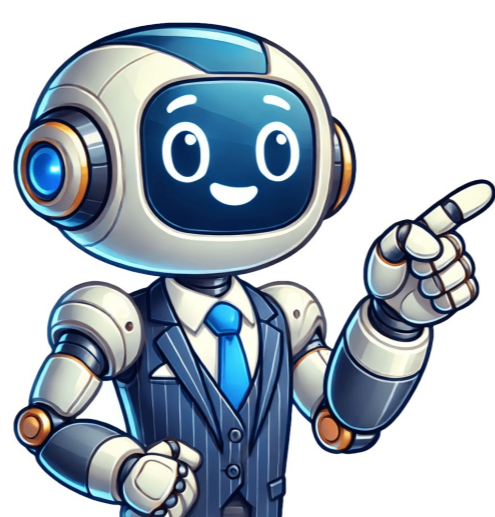


Continue























## Cidade do interior de são paulo que matar a sede

Legenda do áudio, Como epidemia acabou com vilarejo no interior de São PauloArticle informationAuthor, Rone CarvalhoRole, De Tabapuá (SP) para a BBC News Brasil Uma estação ferroviária abandonada e tomada pela vegetação, prédios com pinturas desbotadas e ruas desertas com placas apresentando ferrugens. Esse é cenário do distrito de Japurá, localizado em Tabapuá, no noroeste do Estado de São Paulo. O que, atualmente, parece uma ‘cidade fantasma’ há 90 anos era uma vila com aproximadamente três mil moradores, que viviam da agricultura e da prática do escambo. Mas que foi abandonada pela população, entre as décadas de 1930 e 1940, após uma epidemia de malária e febre amarela se alastrar pela região. A história da espécie de ‘cidade’ que não foi emancipada começa a ser contada, no início do século 20, a partir do prolongamento da linha férrea de Araraquara (SP) até São José do Rio Preto (SP). Assim com diversos municípios do interior de São Paulo, que nasceram a partir da expansão da Estrada de Ferro Araraquarense (EFA) — criada para escoar a produção agrícola, entre 1900 e 1950 — Japurá também surgiu após a inauguração da sua estação ferroviária, em 19 de novembro de 1911. “Como aconteceu em outros lugares do Brasil, o trem possibilitou que regiões fossem habitadas. Foi o que também aconteceu no (distrito de) Japurá. A partir da criação da estação ferroviária imigrantes e brasileiros de outras regiões do país foram chegando e povoando o local em busca de trabalho”, conta Gabriella Teodoro Coelho, pesquisadora e autora do estudo Japurá, do progresso ao arruinamento, produzido em parceria com Janaina Andrea Cucato. Crédito, Luiz Carlos MartinsLegenda da foto, Igreja construída no Japurá foi palco de missas e quermesses no século 20 As margens do rio São Domingos, no noroeste do Estado de São Paulo, Japurá foi crescendo e no seu auge, na década de 1930 chegou a ter aproximadamente três mil moradores, segundo Geraldo Bellinelo, jornalista e autor do documentário Japurá, o povo que virou açúcar. “A criação da estação de Japurá se deu também para aliviar paradas ferroviárias anteriores no trajeto, como a de Catiguá, criada em 1910. Como elas não estavam dando conta de armazenar a quantidade de café e cereais que estava sendo produzida na região, se viu necessário criar uma nova estação ferroviária e pela localização estratégica escolheram o Japurá”, apontou o pesquisador histórico. Registros apontam que, na década de 1920, o distrito tinha escola, igreja, cadeia pública, açougues e farmácias. Entretanto, por estar ao redor de uma área de mata e próxima de rio, no final da década de 1920, Japurá passou a ser alvo dos mosquitos transmissores da malária e febre amarela. Com restrito acesso a serviços de saúde, falta de conhecimento científico sobre as doenças e sem saneamento básico, a epidemia em poucos meses se alastrou pela região. “Para se curar das doenças as pessoas faziam remédios caseiros ou tinham que enfrentar horas de carroça para chegar a um médico. Além disso, não havia um tratamento correto para os sintomas. Tudo contribuiu para que as doenças se disseminassem com rapidez pelo local e fizessem inúmeras vítimas”, ressalta Bellinelo. Para piorar a situação, em 1929, a Quebra da Bolsa de Valores de Nova York, desvalorizou também a principal fonte de renda dos moradores da região: o café. Com a falta generalizada de dinheiro, muitos produtores rurais não estavam mais conseguindo escoar a produção; e com a epidemia de malária e febre amarela, a situação do Japurá somente piorou. “No ápice da epidemia, em média, de doze a quinze pessoas eram enterradas por dia no Japurá. O medo era tão grande que muitas famílias enterravam os familiares e, em seguida, iam embora do local temendo ser contaminados”, conta Bellinelo. Até mesmo quem morava nos arredores tinha receio de ir ao Japurá. “O medo era tão grande que alguns trabalhadores das estações ferroviárias da região quando não respeitavam os superiores eram ameaçados de serem mandados para o Japurá. Ninguém queria ir, pois as pessoas tinham medo de morrer ao serem contaminadas”, disse Gabriella. Marcos Boulos, médico infectologista e professor sênior da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), ressalta que, na primeira metade do século 20, por conta de boa parte do Estado de São Paulo ser coberto por florestas, várias regiões enfrentaram epidemias de malária. “Até a Segunda Guerra Mundial, não havia tratamento para a malária. Sem contar, que era muito difícil o cadastramento dos casos. Por isso, assim como o Japurá, tivemos muitas regiões de São Paulo com centenas de casos da doença. Hoje, os registros que temos ficam concentrados mais na região da Amazônia”, explicou. Crédito, Gabriella CoelhoLegenda da foto, Estação ferroviária abandonada de Japurá (SP), construída em 1911 Outro fator que contribuiu para o local virar uma espécie de ‘cidade fantasma’ ocorreu na década de 1950, quando o trem parou de passar pela estação ferroviária de Japurá. “A mesma linha férrea que foi a grande responsável pelo surgimento do Japurá, em 1911, foi também a que praticamente ‘assinou’ o seu fim, em 1951, quando a companhia paulista desviou os trilhos para um quilômetro e meio de distância do Japurá”, aponta Gabriella. Sem o trem e com uma população bem menor a história do Japurá foi se apagando. “Ficou um estigma muito forte sobre a região e pouca gente queria ir para lá, mesmo depois que as doenças estavam controladas”, disse Geraldo. Atualmente, nenhum morador dos tempos áureos da região vive no local. A última moradora Ana Idalina Braz, popularmente conhecida como ‘dona Petita’, que durante mais de nove décadas viveu no Japurá — mesmo depois de ter visto muita gente morrer de malária ou ir embora com medo — morreu, em 2021. Sua casa, em frente à estação ferroviária em ruínas, deve ser transformada em um museu, de acordo com a diretora de cultura de Tabapuá, Carla Prado. “Estamos querendo decretar o distrito de Japurá como patrimônio histórico cultural. No caso da casa da ‘dona Petita’, temos o desejo de transformar aquilo em uma espécie de museu. Ela foi a última moradora do local. É uma história que fica e deve ser preservada”, diz Prado. Crédito, Gabriella CoelhoLegenda da foto, Interior da estação ferroviária abandonada do JapuráÉx-morador do Japurá, Benedito Alves de Lima, 78 anos, lembra bem do fim da vila. Na década de 1950, quando nem mesmo o trem passava e menos de 200 pessoas viviam no local, ele se mudou com a família para a área. “A gente se mudou porque a malária estava controlada. Mas praticamente tudo tinha acabado”, disse ele. Para Alves de Lima, o que ficou foram as memórias. “Atualmente, moro em Tabapuá, município do qual o Japurá é distrito. Mas não tem como esquecer de lá. O Japurá quase foi uma cidade, mas a maleita acabou com tudo”, diz o aposentado. A esposa, Iraci Ferregutti de Lima, 77 anos, que também frequentou o Japurá após a epidemia de malária, conta que, entre 1950 e 1960, os moradores que ainda viviam no local até tentaram preservar as memórias do Japurá. “Ainda tinha baile, missa, mas com o tempo tudo foi acabando. O medo falou mais alto.” Quem também não se esquece do local é o produtor rural Carlos Alberto Corrêa Ormeias, 66 anos. “Apesar de não ter nascido lá, eu vivi na região e lembro bem das histórias do meu pai. Depois, com mais idade, fui procurar informação sobre o local e encontrei registros históricos mostrando que no ápice da malária, de 37 alunos em uma sala de aula, 31 foram contaminados. Para piorar, além da falta de assistência médica, tudo era muito precário, as campanhas para erradicar a maleita do local não eram contínuas, o que contribuiu para o fim.” Crédito, Rone CarvalhoLegenda da foto, Benedito Alves de Lima, 78 anos, morreu no Japurá na década de 1950, após a epidemia de maláriaA falta de documentos históricos é um dos grandes entraves para que o Estado de São Paulo consiga mensurar quantas pessoas morreram de malária e febre amarela, entre 1930 e 1940, no Japurá (SP). Isso porque foi apenas a partir da segunda metade do século 20 que municípios brasileiros passaram a contabilizar as doenças que ocorriam no país. “Estimamos que durante a primeira metade do século 20 tivemos milhões de casos de malária no Estado de São Paulo, mas não temos um número oficial”, apontou Marcos Boulos, professor sênior da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Segundo Boulos, no caso da malária — doença febril, transmitida pela picada dos mosquitos Anopheles (mosquito-prego) infectados pelo Plasmodium, um parasita —, a última grande epidemia ocorreu na década de 1990, quando o Brasil chegou a contabilizar 700 mil casos da doença durante um ano. “No Brasil, a principal forma da malária é a vivax, mais branda, que oferece pouco risco de morte, ao contrário da forma mais comum nos países africanos. Além disso, por aqui, 99% dos casos são registrados na Amazônia”, ressaltou. Já a febre amarela que também fez vítimas no Japurá consiste em uma doença infecciosa febril aguda, transmitida por mosquitos vetores, com dois ciclos de transmissão: silvestre (quando há transmissão em área rural ou de floresta) e urbano. Crédito, Luiz Carlos MartinsLegenda da foto, Cadeia construída no Japurá no início do século 20Como a transmissão urbana da febre amarela somente é possível através da picada de mosquitos Aedes aegypti, a prevenção da doença deve ser feita evitando sua disseminação. No ciclo silvestre, em áreas florestais, o vetor da febre amarela é principalmente o mosquito Haemagogus. De acordo com a Fiocruz, a infecção ocorre quando uma pessoa que nunca tinha contraído a febre amarela ou tomado a vacina contra ela circula em áreas florestais e é picada por um mosquito infectado. Ao contrair a doença, a pessoa pode se tornar fonte de infecção para o Aedes aegypti no meio urbano. Além do homem, a infecção pelo vírus também pode acometer os macacos. “O vírus também pode ter contribuído muito também para essa epidemia no Japurá foi a própria derrubada da mata para construção da estrada de ferro e de residências a partir do crescimento da população. Você tiro o vetor do seu habitat natural, o que possibilitou a disseminação das doenças, em uma época que não havia tratamento”, defendeu Marcos Boulos. DengueSão PauloMaláriaMedicinaTransporte ferroviárioHistóriaCiênciaBrasil No coração do Brasil, longe dos grandes centros urbanos, uma revolução silenciosa está acontecendo. Enquanto as metrópoles lutam contra altos índices de violência, pequenas e médias cidades do interior de São Paulo estão se destacando como exemplos de segurança e qualidade de vida. Mas o que torna esses municípios tão especiais? Como eles conseguiram transformar desafios em oportunidades? Neste artigo, vamos explorar os segredos dessas comunidades e descobrir o que podemos aprender com elas. Por Que o Interior de São Paulo Está na Vanguarda da Segurança? O ranking divulgado em 2025 pelo guia de imóveis My Side revela algo surpreendente: Valinhos, Botucatu e Tatuí lideram a lista das cidades mais seguras do Brasil. Esses municípios, localizados no interior de São Paulo, apresentam taxas de homicídios extremamente baixas, variando entre 0,9 e 1,6 por 100 mil habitantes. Para efeito de comparação, a média nacional é quase dez vezes maior. Fique sempre informado! Junte-se à nossa Comunidade no WhatsApp do Notícias de Indaiatuba e reciba, gratuitamente, as últimas novidades e oportunidades de emprego. Mas o que explica esse fenômeno? Será apenas sorte ou existe algo mais profundo acontecendo? Investimento em Tecnologia: A Guarda Moderna Contra o Crime Como a tecnologia está mudando o jogo da segurança pública? Valinhos, por exemplo, investiu significadamente em câmeras de vigilância conectadas a sistemas de inteligência artificial. Essas ferramentas permitem que as autoridades monitorem áreas críticas em tempo real, prevenindo crimes antes que eles ocorram e respondendo rapidamente a emergências. É como ter um olho onipresente, sempre atento aos movimentos da cidade. Além disso, a integração de dados entre diferentes setores da administração pública tem sido fundamental. Em Botucatu, por exemplo, a polícia trabalha em parceria com hospitais e escolas para identificar padrões de comportamento que possam indicar problemas futuros. Essa abordagem colaborativa cria uma rede de proteção que dificulta a ação de criminosos. Projetos Sociais: Cultivando Raízes Fortes para um Futuro Seguro Por que projetos sociais são a chave para reduzir a criminalidade? Em Tatuí, a prefeitura implementou programas voltados para a juventude, oferecendo atividades esportivas, culturais e educacionais gratuitas. Esses projetos não apenas ocupam o tempo dos jovens, mas também os ajudam a desenvolver habilidades e sonhos. “Quando você dá às pessoas uma razão para acreditar no futuro, elas deixam de ver o crime como uma opção”, afirma o prefeito da cidade. Essa abordagem humanizada tem se mostrado eficaz. Dados do Ministério da Saúde indicam que cidades com programas robustos de inclusão social apresentam quedas significativas nos índices de violência. E como plantar uma árvore cujas raízes impedem que o solo seja levado pela erosão. Infraestrutura Urbana: Construindo Cidades Resilientes De que forma a infraestrutura contribui para a segurança? Sertãozinho, outra cidade no topo do ranking, investiu em iluminação pública de alta qualidade e espaços públicos bem planejados. Ruas bem iluminadas e praças vibrantes criam um ambiente onde as pessoas se sentem à vontade para circular, mesmo à noite. Isso não apenas aumenta a sensação de segurança, mas também dissuade criminosos, que preferem agir nas sombras. Além disso, a melhoria da mobilidade urbana tem papel fundamental. Várzea Paulista, por exemplo, implementou ciclovias e corredores de ônibus que facilitam o deslocamento dos moradores. Quando as pessoas têm acesso fácil a serviços e empregos, a probabilidade de recorrerem ao crime diminui drasticamente. A Importância da Participação Comunitária Como os cidadãos podem ser protagonistas da segurança? Indaiatuba e Votorantim são exemplos de como a participação ativa da comunidade pode fazer toda a diferença. Nessas cidades, grupos de voluntários organizam rondas noturnas e campanhas de conscientização sobre segurança. Essas iniciativas promovem um senso de coletividade e responsabilidade compartilhada. “Quando todos se unem por um objetivo comum, o impacto é multiplicado”, diz uma moradora de Indaiatuba. Essa mentalidade colaborativa transforma as cidades em verdadeiras fortalezas contra a criminalidade. Os Benefícios Econômicos da Segurança Como a segurança atrai investimentos e impulsiona a economia? Cidades seguras são naturalmente mais atrativas para empresas e turistas. Santana de Parnaíba, por exemplo, viu um aumento significativo no número de novos negócios após melhorar seus índices de segurança. Empresas que antes hesitavam em se instalar na região agora enxergam uma oportunidade de crescimento. Além disso, a sensação de segurança incentiva o turismo. Ribeirão Pires, conhecida por suas belezas naturais, tem recebido cada vez mais visitantes, graças à tranquilidade que oferece. É um ciclo virtuoso: segurança atrai investimentos, que geram empregos, que por sua vez reforçam a estabilidade da comunidade. Desafios e Lições para Outras Cidades O que outras regiões podem aprender com essas cidades? Embora o sucesso dessas cidades sirva de inspiração, é importante lembrar que cada município enfrenta desafios únicos. Araxá (MG) e Blumenau (SC), por exemplo, também figuram no ranking, mas suas estratégias diferem das adotadas no interior de São Paulo. No entanto, algumas lições universais podem ser extraídas: - Investir em tecnologia e inovação. - Priorizar projetos sociais que promovam inclusão. - Planejar infraestrutura urbana de forma estratégica. - Engajar a comunidade em iniciativas de segurança. Esses pilares podem ser adaptados para qualquer contexto, desde que haja comprometimento e visão de longo prazo. O Futuro da Segurança Pública no Brasil Qual é o próximo passo para tornar o Brasil mais seguro? As cidades do interior de São Paulo mostram que é possível alcançar níveis elevados de segurança com planejamento e dedicação. No entanto, o desafio agora é expandir essas práticas para outras regiões do país. Isso exigirá cooperação entre governos, empresas e cidadãos. Imagine um Brasil onde todas as cidades sejam tão seguras quanto Valinhos, Botucatu e Tatuí. Não seria um sonho distante, mas uma realidade tangível, construída a partir de pequenas ações diárias. Conclusão: A Fórmula do Sucesso O interior de São Paulo está provando que segurança não é apenas uma questão de policiamento, mas sim uma combinação de fatores que envolvem tecnologia, educação, infraestrutura e engajamento comunitário. As cidades que lideram o ranking de segurança no Brasil são exemplos vivos de como é possível transformar desafios em oportunidades. Ao adotar estratégias semelhantes, outras regiões podem seguir o mesmo caminho rumo a um futuro mais seguro e próspero. Perguntas Frequentes (FAQs) 1. Quais são as três cidades mais seguras do Brasil em 2025? Valinhos, Botucatu e Tatuí, todas no interior de São Paulo, ocupam as primeiras posições do ranking com as menores taxas de homicídios. 2. Por que o interior de São Paulo é mais seguro que as grandes cidades? Essas cidades investem em tecnologia, projetos sociais, infraestrutura urbana e participação comunitária, criando um ambiente resiliente contra a criminalidade. 3. Como a tecnologia contribui para a segurança pública? Câmeras de vigilância conectadas a sistemas de inteligência artificial e a integração de dados entre setores permitem monitoramento eficiente e prevenção de crimes. 4. Quais são os benefícios econômicos de uma cidade segura? Cidades seguras atraem investimentos, turismo e novos negócios, gerando empregos e impulsionando a economia local. 5. O que outras regiões podem aprender com essas cidades? Outras regiões podem adotar estratégias como investimento em tecnologia, promoção de inclusão social, planejamento comunitário para melhorar a segurança. Para informações adicionais, acesse o site 'Este conteúdo foi gerado automaticamente a partir do conteúdo original. Devido às nuances da tradução automática, podem existir pequenas diferenças'. Veja opções de trilhas para se aventurar pelas cidades da área de cobertura da EPTV Conhecida como a “cidade mais silenciosa do Brasil”, Patrocínio Paulista (SP) é o cenário da reportagem da série “EPTV nas Férias: Trilhas” exibida no EPTV 1 desta sexta-feira (24), explorando uma trilha que protege árvores centenárias e conecta biomas – mas, claro, garantindo o silêncio! No local, a equipe descobriu que a “fama” do município está diretamente ligada à fiscalização, vista como “dura na queda”. A lei federal que estabelece o limite de ruído em 55 decibéis é seguida à risca, sem tolerância. Até sábado (25), a EPTV desbrava trilhas com paisagens exuberantes e revela histórias inspiradoras no interior paulista e Sul de Minas Gerais. Há opções de todos os níveis, que incluem expedições com água, imersão histórica e experiências radicais. 1 de 2 Árvore centenária encontrada em trilha de Patrocínio Paulista (SP) — Foto: Reprodução/EPTV Árvore centenária encontrada em trilha de Patrocínio Paulista (SP) — Foto: Reprodução/EPTV Durante a trilha, a equipe da reportagem pôde ver de perto algumas das belezas naturais exuberantes que fazem valer o passeio “silencioso” na cidade. Lá se encontram dois biomas brasileiros: a Mata Atlântica e o cerrado. As margens do riacho, foi possível observar árvores centenárias, incluindo um jequitibá-rosa conhecido como o “gigante da floresta”. Ele tem mais de 30 metros de altura e 7 de circunferência. Assim como os jequitibás, outra espécie presente na região e ameaçada de extinção é a palmeira-jucara. Continuando o percurso, também houve o encontro com uma figueira imponente, de 25 metros de altura e 14 de circunferência. No fim da trilha, uma surpresa revigorante: quem encara o caminho até o final pode se refrescar em uma cachoeira, sem esquecer de levar sapatilhas para não machucar os pés. VIDEOS: tudo sobre Ribeirão Preto, Franca e região Em um cenário nacional frequentemente marcado por desafios na segurança pública, o interior de São Paulo desponta como um exemplo positivo. Dados recentes do Anuário Cidades Mais Seguras do Brasil, elaborado pela MySide com base em informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Ministério da Saúde, revelam que municípios paulistas de médio porte lideram o ranking das cidades mais seguras do país. Essa liderança é atribuída a políticas públicas eficazes, investimentos em infraestrutura urbana e social, e um modelo de desenvolvimento sustentável que prioriza a qualidade de vida dos moradores. Valinhos, com pouco mais de 126 mil habitantes, e a apenas 95 km de SP, é considerada a cidade mais segura do Brasil A predominância dessas cidades no topo da lista evidencia uma tendência: o interior de São Paulo se consolida como referência em segurança no Brasil. As 5 cidades mais seguras do Brasil em 2025 Valinhos, por exemplo, lidera o ranking com uma taxa de apenas 0,9 homicídios por 100 mil habitantes. Botucatu e Tatuí seguem na segunda e terceira posições, com taxas de 1,4 e 1,6 homicídios por 100 mil habitantes, respectivamente. Esses números contrastam significativamente com as médias nacionais e demonstram o sucesso das estratégias adotadas por esses municípios. Além da segurança, essas cidades oferecem outros atrativos que contribuem para a qualidade de vida de seus habitantes. Valinhos é conhecida por sua produção de figo roxo e por abrigar indústrias de tecnologia, logística e metalurgia. Conhecida como a “Capital da Música”, Tatuí vai além de sua tradição cultural e está entre as primeiras cidades mais seguras do Brasil Já Botucatu destaca-se por suas belezas naturais, como as mais de 70 cachoeiras, e por ser um polo educacional com a presença da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Tatuí, por sua vez, é famosa por abrigar o maior conservatório de música da América Latina, reforçando seu status cultural e educacional. Além de Valinhos, Botucatu e Tatuí, outro destaque é Sertãozinho. Conhecida por sua forte indústria sucroalcooleira e por abrigar importantes polos de tecnologia e inovação, a cidade ocupa o quarto lugar no ranking nacional, com uma taxa de 2,4 homicídios por 100 mil habitantes. O dado coloca Sertãozinho à frente de grandes centros que tradicionalmente enfrentam altos índices de violência urbana. Já Várzea Paulista, na região de Jundiaí, surge como exemplo de cidade em transformação: com políticas de segurança comunitária e inclusão social, alcançou o quinto lugar nacional, com 3,4 homicídios por 100 mil habitantes — um marco importante para uma cidade que já enfrentou altos índices de violência. As cidades paulistas que lideram o ranking das mais seguras do Brasil em 2025 1 - Valinhos (SP) - 0,9 homicídios por 100 mil habitantes 2 - Botucatu (SP) - 1,4 homicídios por 100 mil habitantes 3 - Tatuí (SP) - 1,6 homicídios por 100 mil habitantes 4 - Sertãozinho (SP) - 2,4 homicídios por 100 mil habitantes 6 - Várzea Paulista (SP) - 3,4 homicídios por 100 mil habitantes 7 - Indaiatuba (SP) - dados não especificados 8 - Votorantim (SP) - dados não especificados 10 - Santana de Parnaíba (SP) - dados não especificados Os resultados do levantamento reforçam a importância de políticas públicas voltadas à prevenção da violência e ao fortalecimento da cidadania. Cidades que apostam em planejamento, infraestrutura e bem-estar social colhem, também, os frutos da paz.